

América Latina terá US\$ 12 bi do Japão

TORONTO (do enviado especial) — Detalhes do plano de ajuda do governo do Japão aos países em desenvolvimento, equivalente a pelo menos US\$ 50 bilhões a serem distribuídos nos próximos cinco anos, deverão ser anunciados amanhã pelo Primeiro-Ministro Noboru Takeshita. Ontem, porém, o Ministro de Relações Exteriores, Sousei Uno, já adiantou as suas linhas gerais. Ele disse que, para tornar a ajuda mais efetiva e eficiente, haverá uma preocupação maior de seu governo em aplicá-la "em coordenação com as atividades do setor privado".

Parte do dinheiro a ser investido nos países devedores será canalizado através de empréstimos que, segundo Uno, deverão ser feitos "de maneira mais flexível e em coordenação com organizações internacionais (como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional), para apoiar políticas econômicas específicas desses países".

— O princípio básico de nossa política é apoiar os esforços que já vêm sendo feitos pelos próprios países em desenvolvimento. A ajuda terá várias formas e será adequada às necessida-

des desses países, com maior coerência, mobilidade e flexibilidade — afirmou o Ministro.

Uno negou-se a revelar os beneficiários e a quantia que deverá caber a cada um deles. Isso, segundo disse, caberia a Takeshita informar em seu discurso. Mas Koichi Haraguchi, Porta-Voz do Ministério, disse ao GLOBO que nos próximos três anos fiscais — ou seja, a partir de agora — cerca de US\$ 12 bilhões serão destinados à América Latina.

— Esse dinheiro sairá através de três fontes distintas. Haverá cofinanciamentos do Fundo de Cooperação Econômica Estrangeira, do Eximbank do Japão e de bancos privados. É importante destacar que essa ajuda não obriga, de maneira alguma, a que os países beneficiados importem produtos do Japão — disse ele.

O Ministro Uno contou que, além de empréstimos diretos, seu país vai promover transferências de tecnologia e assistência técnica. Embora não tenha citado nomes, insinuou que os quatro maiores devedores latino-americanos — México, Brasil, Argentina e Venezuela — teriam certa preferência, devido ao estágio de sua indústria e a seu potencial de crescimento.